

Amazônia
30/4/96 Pg. 13
Korubo 27

Editora: Solange Elias
Fone: (092) 625-4141 - Rómulo, 29
Fax: (092) 625-2021

Amazônia Em Tempo
Marília, terça-feira, 30 de abril de 1996
A/3

Primeiro Plano

Resgate

Começa a busca aos últimos Korubo

Uma equipe da Funai, liderada pelo sertanista Sidney Possuelo, vai tentar contato com os índios mais conhecidos por suas histórias de violência. Objetivo da expedição: evitar que desapareçam completamente

Tem início esta semana uma expedição da Fundação Nacional do Índio (Funai) que vai tentar os primeiros contatos com os índios Korubo depois de 15 anos da última tentativa. Conhecidos como índios "caceteiros", os Korubo não usam flechas e matam inimigos a golpes de bordunas (cacetes). Os Korubo são um dos poucos grupos de índios isolados que ainda existem em todo o país. No sábado (04), chega a Manaus o barco da Funai que vai levar uma equipe de 22 homens para a região do Vale do Javari, já próximo do município de Atalaia do Norte, comandada pelo sertanista e ex-presidente da Funai, Sidney Possuelo.

Possuelo chegou ontem a Manaus para iniciar o embarque do equipamento, que não é pouco, porque a equipe pretende ficar mais de dois meses na área. A equipe levará pelo menos 6 dias para subir o rio Solimões, até chegar ao Javari e lá, na região conhecida como "boca do Ituí", vai instalar sua base que inclui a montagem de flutuantes, torres, equipamentos de radiofonia, transporte e toda estrutura necessária para se ficar o tempo que for necessário para conseguir, na definição de Possuelo, "sedimentar um relacionamento confiável a partir do contato inicial".

O contato, diz ele, é até relativamente fácil. "Assim que chegarmos e instalarmos nosso equipamento certamente ele irão aparecer. O problema pode vir depois, porque eles esperam que você relaxe a segurança e depois atacam", explica acrescentando que sua estratégia será de "mostrar que somos diferentes do

pessoal da região, que temos força mas não vamos utilizar contra eles".

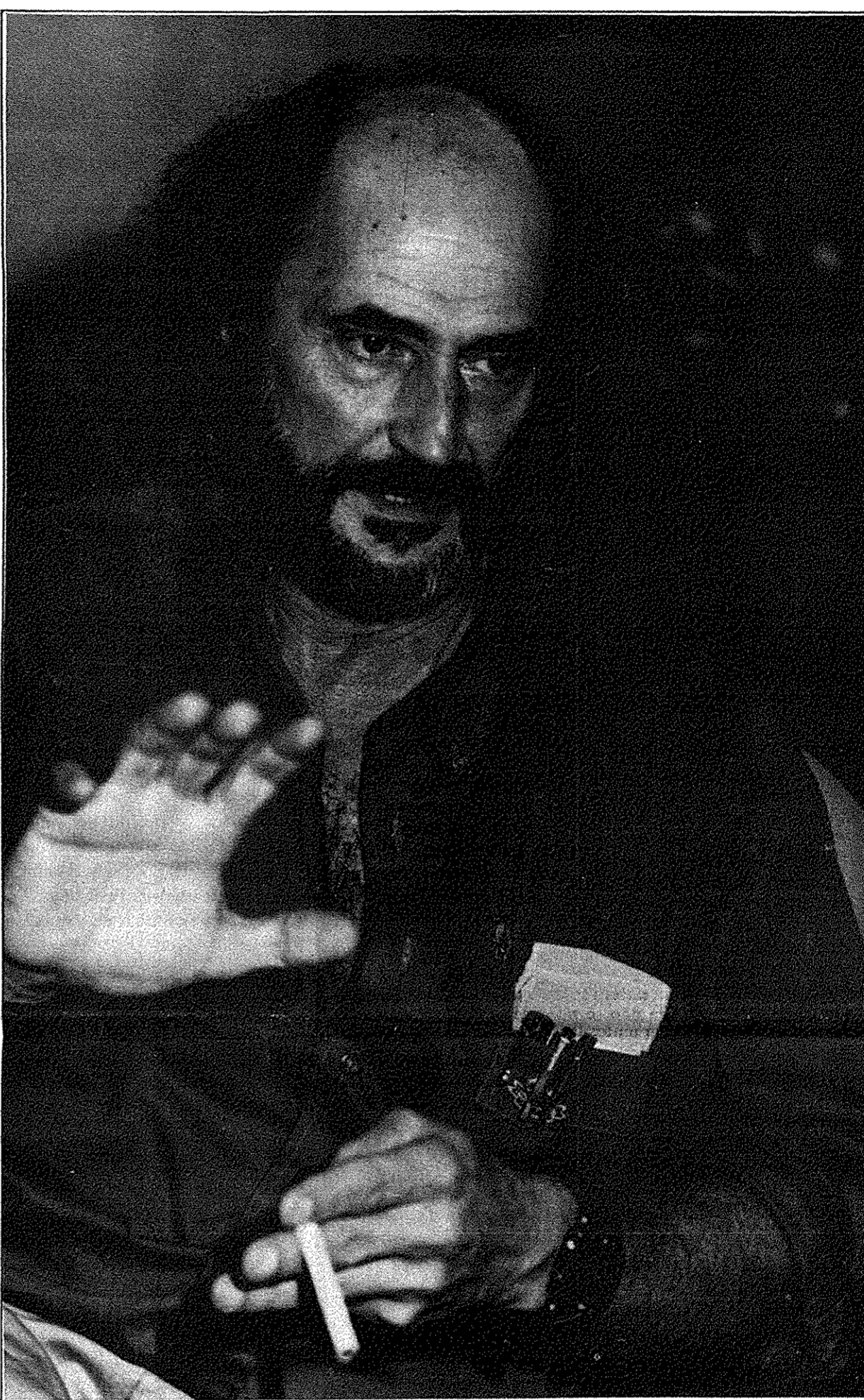
O sertanista lembra que já não é mais o caso de se "usar um tapirizinho com presentes". Os índios vão chegar falando - "não vamos entender nada" - e os indigenistas terão que sedimentar o relacionamento:

E por quê, depois de tanto tempo ir em busca de uma tribo que, aparentemente estava vivendo bem e isolada? Sidney Possuelo revela que os Korubo estão acabando. Simplesmente sendo dizimados em suas lutas com não-índios e também por doenças.

- Nós não queríamos fazer isso (o contato). Só vamos aos Korubo porque eles estão desaparecendo. Hoje em dia estima-se sua população em 200 indivíduos espalhados em grupos pequenos e agora não tem mais jeito - diz Possuelo, com um ar de preocupação.

Segundo ele, a tática da Funai - especificamente do Departamento de Índios Isolados, comandado por ele - é sistematicamente descobrir esses grupos e protegê-los. "Não queremos fazer contatos. Se nenhum perigo os ameaça, deixamos que eles vivam ali, sua vida normal, mas no caso do Korubo isso já não é mais possível. Ou fazemos contato agora, ou eles vão desaparecer completamente", complementa. Para o sertanista, o contato unido ao assistencialismo acaba gerando "sequelas horríveis" na comunidade indígena.

Como não é possível fazer com que os Korubo entendam demarcação de área e eles estão se expondo cada vez mais aos riscos de contato com os não-índios, a solução será encontrá-los, antes que seja tarde demais.



Dedicação
Sidney Possuelo: "Eles estão sendo dizimados; ou fazemos contato agora ou eles vão desaparecer para sempre"

Em Tempo

Terra de quem?

O sertanista Sidney Possuelo comenta as polêmicas em torno da definição das terras indígenas, explicando que as tribos brasileiras "não têm sequer um palmo de terra". Segundo ele, existem as terras devolutas "onde entra quem quer e sai quem quer" e a propriedade particular "onde nem o Exército entra, a não ser em casos de guerra".
- Ora, fora isso, as terras são da União. E quais são as terras da União. As áreas indígenas. A propriedade é da União e não dos índios - afirma destacando que os índios possuem apenas usufruto das reservas.

Estratégias

Os índios Korubo têm umas estratégias diferentes para atacar os não-índios. Possuelo revelou que uma delas é a de fazer armadilhas. "Um deles fica na praia, aceitando para o barco que passa. Quando você desce, não notou que os outros estão escondidos até que seja tarde demais", revelou. Entretanto, o indigenista lembra que eles não têm a menor noção de quantos homens brancos existem. "Pensam que é só uma grande aldeia, então é normal que tracem estratégias e até façam armadilhas para se defender. É uma forma de revidar os ataques a eles, tão constantes".

Estava escrito

Nascido em Santos Dumont (MG), quase na divisa com o Rio de Janeiro, Sidney Possuelo foi criado em São Paulo, e desde cedo se dedicou ao estudo dos índios brasileiros.

- Alguns amigos dizem "maktub" (estava escrito), até porque meu aniversário é em 19 de abril (dia do Índio), mas eu não acredito muito nisso. Acho que nós fazemos nosso destino e eu me dedico muito para cumprir minha tarefa, meu trabalho, que é a minha vida.

Os 22 "funcionários públicos"

O primeiro movimento da expedição ao Vale do Javari vai ser montar uma base na "boca do Ituí", área de confluência dos rios Ituí e Itaguaí. "Fechando esta área, paralisamos 70% do movimento das madeiras", acredita Sidney Possuelo. Ele sabe que o trabalho da equipe de 22 voluntários da Funai não vai ser fácil. Cita o perigo de morte como se fosse algo distante, apesar de ter assistido a um amigo, também sertanista, levar duas flechadas de índios Arara no Pará e de ter gravado cenas de resgate de corpos de índios no massacre de 1989, em que três Korubo foram assassinados e seus corpos enterrados na praia. Possuelo também conviveu com os Waimiri-Atroari que, até mais que os Arara, eram extremamente violentos.

- As histórias vão correndo por aí e fica se falando em massacres que os índios fizeram e eles ficam parecendo animais. Mas ninguém fala porque esse animal está bravo - comen-

ta.

Ciente dos riscos, o sertanista conseguiu reunir uma equipe de 22 pessoas que vão se distribuir em postos de contato, postos de retaguarda, serviço de vigilância, transporte e comunicação. "Se houve incidentes podemos demorar para sair de lá. Se sairmos", prevê ele que ainda aponta que os Korubo não costumam deixar feridos. Apenas um homem escapou, uma única vez, de um ataque Korubo.

- Não é só uma questão de sorte. É uma questão de amor, sem querer ser piegas. Hoje o mundo está tão infeliz que a gente tem medo de ser ridicularizado, mas o fato é que me dedico muito. É disso que eu gosto. É o que eu quero fazer e minha equipe também é assim. Eles já são homens bons, capazes de passar meses na floresta, sem comida. É uma questão de amor. Ninguém se mete numa coisa dessa porque é funcionário público e alguém determinou - resume.

Preservação em dose dupla

O sertanista Sidney Possuelo explica que a "frente de contato" - que antigamente se chamava "frente de atração" - tem dois objetivos básicos. O primeiro é a preservação em si dos índios Korubo e o segundo é a preservação do meio ambiente da região do Vale do Javari que, segundo ele, vem sendo sistematicamente depredado por madeireiras, sem que ninguém se importe.

Considerando uma "missão" seu trabalho de "levar paz e tranquilidade para região" o ex-presidente da Funai aponta que por ter administrado a região há mais de 20 anos, conheceu as histórias dos Korubo e notou que agora eles estão se aproximando perigosamente dos núcleos de não-índios. "Eles estão andando mais que antes. Estão perambulando por uma região que não iam antes. Não sabemos os motivos. Podem ser vários. Não sabemos nada sobre eles. Tudo é especulação. Não sabemos sequer sua língua, só temos informações vagas e algumas fotos tiradas de dentro de barcos. Mas conhecemos sua história de violência, que é resposta à nossa violência", ensina ele.

A quebra do círculo de violência é o primeiro objetivo. "Estamos em missão de paz", diz Possuelo, "não é uma mera coisa de 'vamos sair e fazer contato', temos a missão de

levar paz e tranquilidade para a região".

Meio ambiente

A segunda função fundamental da expedição "é proteger o meio ambiente". Sidney Possuelo é muito crítico ao comentar a depredação que se está fazendo na área. "Há uma coisa muito interessante na Amazônia. As pessoas pensam que depredação ambiental é quando desaparece a floresta e tudo vira campo para boi. Não é só isso. Quando se começa a se extinguir determinadas espécies da flora ou fauna, começa-se a interferir no ciclo global e a se provocar o desaparecimento de outras espécies que sobrevivem daquilo que desapareceu. Daqui há 20 anos, aquela área não será como hoje, muitas espécies de organismos ainda não foram estudados. Se não preservarmos agora, não vai dar tempo para que as academias estudem", determina.

Para o sertanista, o Vale do Javari pode até conter "a solução econômica para região, mas hoje é vista apenas como depósito de flora e fauna. Sabe-se lá quantos milhões ou bilhões podem render uma descoberta de um medicamento ou de uma coisa nova, na base da biogenética?", questiona.

O sapo que não foi estudado

Recentemente o programa Globo Repórter, da Rede Globo de Televisão, mostrou a utilização do veneno de um sapo amazônico por índios. O sertanista Sidney Possuelo lembrou este episódio citando como exemplo a "fuga" da nossa biodiversidade, em favor de outros países, já que o governo brasileiro não demonstra ter muito interesse em desenvolver pesquisas por aqui.

- Os pesquisadores estrangeiros retiraram o veneno do sapo, levaram para seus países, estudaram e descobriram mais de 100 substâncias

naquele líquido. Uma delas é o analgésico mais poderoso que se conhece. E o que estão fazendo? Sintetizando a substância e... uma banana bem grande para o Brasil.

A preocupação do pesquisador é que a biodiversidade da região seja protegida para que os pesquisadores brasileiros a estudem. "Temos que preservar para nossas universidades irem a campo estudar. O governo precisa investir dinheiro em pesquisa, mas este país é extremamente imediatista", lamenta.

Um país sem futuro

Sidney Possuelo vê com pessimismo a pesquisa e preservação no país, por causa do "imediatismo". Sem poupar palavras ele - que já foi muito criticado e polêmico quando demarcou extensos territórios ianomamis e caiapós - registra que "esses políticos, economistas, essas pessoas que governam o país não vêem um palmo de futuro. Eles só vêem seu bolso. Querem arrancar madeira, querem tirar hoje, não importa o futuro".

- Vamos analisar: que tratamento damos às crianças? Não são elas o futuro? Então o futuro do Brasil é de trombadinhas. Escapam meia dúzia, cujos pais ganham o sufi-

ciente para pagar escolas - dispara.

Na área da saúde, ele diz que temos no país "uma indecência". - As pessoas estão morrendo nas filas. É uma indecência isso. Não existe no mundo coisa pior do que essa: estar doente e ter que levantar às 4h da manhã para conseguir uma receita. Isso é pouco caso com a vida humana e só acontece aqui.

Ele vai mais longe e aponta que "se isso acontece conosco que somos brancos e pagamos impostos, imagine com os índios. Eles só pensam nos índios quando se publica este tipo de reportagem, porque acaba gerando reações internacionais".